

CAPAS DA REVISTA *CARINHO* (1977-1978): EMANCIPAÇÃO OU SUJEIÇÃO DA MULHER?

MAGAZINE COVERS OF *CARINHO* (1977-1978): WOMEN'S EMANCIPATION OR BONDAGE?

Thayana Priscila Domingos da Silva¹
Universidade Federal da Paraíba

RESUMO

Este estudo se propôs a analisar as capas das revistas *Carinho* dos anos de 1977 e 1978, referenciando-se na autora Dulcília Buitoni. No Brasil, o contexto da década de 70 atrela-se à insurgência dos movimentos sociais na luta das minorias, além do fortalecimento do feminismo, que protagonizava a liberação sexual da mulher, conquistando o uso da pílula anticoncepcional e o direito ao divórcio. A partir de um breve histórico da imprensa feminina brasileira, o estudo mostra que ela se articulou com dois tipos de impressos: os periódicos que lutavam pela emancipação da mulher e outros que fortaleciam seus antigos valores tradicionais e patriarcais como esposa, mãe e dona de casa. A revista *Carinho*, da *Bloch Editores*, surgiu em 1976, e além de abordar assuntos diversos, como moda, horóscopo, beleza, celebridades e fotonovelas, tratava abertamente de sexo, estampando o uso explícito do termo em suas capas. Evidentemente, nesse período, o Brasil também vivenciava o regime militar, e logo, a revista que versava sobre sexo seria direcionada ao público de jovens mulheres maiores de 18 anos. Apesar de parecer moderno, a maneira como a revista tratava os assuntos voltados para a sexualidade, observa-se o reforço a antigos valores de sujeição e submissão na relação entre homem e mulher.

Palavras-chave: Imprensa feminina. Revista *Carinho*. Mulher.

1 INTRODUÇÃO

No Século XIX, os jornais destinavam-se aos homens. O conteúdo político, presente diariamente, indicava que eles se distanciavam de assuntos ditos para mulheres. Contudo, nessa época, entre 1850 e 1860, as primeiras impressas femininas, a maioria delas escrita por homens e em períodos espaçosos, objetivavam tratar sobre conteúdos especializados em moda, culinária, contos, literatura, narrativas de viagens, entre outros. Buitoni (2013) assevera que,

[...] entre a literatura e as chamadas artes domésticas, o jornalismo feminino já nasceu complementar, revestido de um caráter secundário,

¹ Pedagoga pela Universidade Federal da Paraíba; mestranda em Educação pelo PPGE/UFPB. E-mail: thay_pris@hotmail.com.

tendo como função o entretenimento e, no máximo, um utilitarismo prático ou didático (BUITONI, 2013, p. 29).

Mais adiante apareceram às produções escritas por mulheres, que em alguns casos, fugiram do objetivo acima e trouxeram consigo uma vontade de despertar as demais para a emancipação através da educação e do trabalho, buscando potencializar o que era reprimido e desconhecido.

A partir desse contexto de inserção das mulheres na imprensa, como leitoras ou produtoras, a imprensa feminina brasileira articulava-se em dois aspectos: uns periódicos preconizavam a emancipação feminina, e outros se relacionavam aos papéis femininos tradicionais, valorizando a mulher como mãe, esposa e dona de casa.

Entre os diversos periódicos como jornais, folhas e gazetas, o impresso ‘revista’ se individualizou fornecendo um leque de temas a serem tratados, a exemplo dos assuntos sobre literatura, beleza, moda, curiosidades, celebridades que procuravam atender amplamente diferentes interesses dos/as leitores/as.

[...] De fato, jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças, valores que se pretendem difundir a partir da palavra escrita. (LUCA, 2014, p. 140)

Ressalte-se, entretanto, que a relação entre o mercado de revistas e a construção de identidades de consumo contribuiu para segmentar esses impressos. De acordo com Perrot (2013), as revistas femininas desempenharam um papel relevante nos Séculos XIX e XX.

[...] Os patrocinadores procuram, principalmente, captar consumidoras potenciais, guiar seus gostos e suas compras. A indústria dos cosméticos e a das artes domésticas visam, de início, às mulheres mais sofisticadas [...] pretendem fazer da dona de casa uma profissional bem equipada. (PERROT, 2013, p. 34)

Para Buitoni (2012, p.14), “[...] as revistas femininas se aliam na construção de imagens dominantes, num contexto de globalização crescente. Elas sempre foram poderosos elementos na construção da identidade da mulher”. Todavia, algumas mulheres se aproveitaram desses meios para organizar ações a favor de sua emancipação, numa luta pelo direito à educação, ao voto, ao trabalho, à igualdade salarial, ao divórcio, entre outros.

Em 1970, o Brasil vivenciava a insurgência dos movimentos sociais, lidando, como elucida Machado (2012), com a luta das minorias étnicas, ecológicas, consumidores, indígenas, femininas. O fortalecimento do movimento feminista propôs a revolução sexual, protagonizando a luta pelo direito da mulher sobre seu corpo. Assim, discussões sobre temas referentes à pílula anticoncepcional, divórcio e sexo faziam parte das ações a favor da liberação sexual da mulher e tinham como finalidade denunciar os valores patriarcais e conservadores presentes na sociedade. Nesse mesmo momento, o país também vivenciava o contexto da ditadura militar com censuras e repressões.

A partir desse cenário, no qual encontramos diversas revistas direcionadas ao público feminino, como, por exemplo, a revista *Cláudia* (1961), a *Nova Cosmopolitan* (1973), respectivamente da Editora Abril, a *Amiga* (1970) e a *Carinho* (1976), pertencentes a Bloch Editores, entre outras, questiona-se: Quais os rumos das revistas na década de 70? Qual o modelo de mulher que era representado? A que posição as mulheres se direcionavam, nos contextos de sujeição ou de sua emancipação?

Para elucidar as indagações, o artigo objetiva analisar as capas da revista feminina *Carinho* dos anos de 1977 e 1978, da *Bloch Editores*, considerando o seu surgimento em 1976. A revista dedicava-se a jovens mulheres e tratava de assuntos diversos, porém evidenciava conteúdos sobre sexo, utilizando explicitamente esse termo.

Para analisar as capas, os pressupostos se basearam, especificamente, em Dulcília Buitoni como referência. Ela é fundamental para reportar as condições femininas idealizadas nos jornais e nas revistas para mulheres e desvendar o sentido dado às representações que influenciam as diversas esferas da vida social. Como assevera Chartier (1990), as representações não são discursos neutros. Nas lutas de representações, tenta-se impor a outro ou ao mesmo grupo sua concepção de mundo social: conflitos que são tão importantes quanto as lutas econômicas e tão decisivos quanto menos imediatamente materiais (CHARTIER, 1990, p. 17).

Assim, são abordados os tópicos: *A Imprensa Feminina: emancipação ou sujeição da mulher*, desvelando um breve histórico da mulher na imprensa brasileira; *Sobre a (s) Revista (s) Carinho...*, que situa a fonte optada e suas características gerais; *Bloch Editores: breve histórico*, que aponta os caminhos percorridos pela editora da revista *Carinho*, e, *As capas das revistas Carinho (1977-1978)*, momento de análise dos elementos presentes nas capas.

2 A IMPRENSA FEMININA: EMANCIPAÇÃO OU SUJEIÇÃO DA MULHER

No contexto do Século XIX, a imprensa favoreceu o fortalecimento da opinião pública sobre os acontecimentos da sociedade e a construção da imagem feminina, moldando a mulher ideal, presente na esfera privada, através de um discurso conservador e patriarcalista representado pela boa mãe e esposa.

O jornalismo e a imprensa alternativa aparecem, na segunda metade do Século XIX, como veículos que possibilitaram a inserção de mulheres nesses campos e legitimaram a entrada desses sujeitos no espaço público. A participação ativa das mulheres nos periódicos decorre da necessidade de conquistarem direitos relativos à educação, à profissão e ao voto. Assim, encontramos os jornais *O Sexo Feminino* (1873), *A Família* (1888) e *Jornal das Senhoras* (1855), fundados por mulheres, que, às vezes, mantiveram-se no anonimato, porém protestaram e lutaram por espaços para elas, o que desencadeou um feminismo “bem comportado”. Eram as fundadoras dos jornais acima elencados, respectivamente, Francisca Senhorinha da Mota Diniz, Josefina Álvares de Azevedo e Joana Paula Manso de Noronha.

Na grande imprensa, Ainda no Século XIX, as mulheres participaram muito pouco da imprensa, ocupando matérias que não interessavam aos homens jornalistas. Elas se enquadravam no perfil de mulheres brancas, educadas, de classe média e tinham acesso ao Jornalismo através de pais ou esposos jornalistas. O fato de só poderem falar na grande imprensa sobre moda, questões domésticas e fofocas sociais, contribuiu para que lutassem por opinar publicamente sobre política na imprensa alternativa. Além disso, poucas foram as mulheres colaboradoras, e menos ainda, as que ocuparam cargo de chefia.

A imprensa feminina brasileira articulava-se em dois aspectos: uns periódicos preconizavam a emancipação feminina, e outros valorizavam a mulher como esposa e mãe. Um exemplo desse último aspecto é a *Revista Feminina* (1914), fundada por Virgilina Salles de Souza, que objetivava atender às mulheres leitoras de classe alta e tinha um posicionamento tradicional e conservador, oferecendo leituras com princípios morais, éticos e doutrinários preconizados pelo universo da Igreja Católica. Porém, em sua linguagem, não havia tom impositivo. Assim, assuntos variados como moda, decoração, saúde, culinária, educação dos filhos, contos, poesias, peças de teatro, curiosidades culturais, casamento e viuvez faziam parte do cenário de orientações que aconselhavam a mulher do lar, esposa e mãe.

Outro periódico importante para se pensar nos aspectos da imprensa feminina brasileira foi o *Jornal das Moças* (1926), produzido em Caicó (RN). Essa cidade interiorana vivenciou, a partir da ascensão desse jornal, uma configuração social e cultural que possibilitou à mulher lutar por novos espaços e se inserir na imprensa. Os assuntos do jornal eram curiosidades da cidade, artigos, literatura, colunas sociais, acontecimentos da sociedade caicoense e questionamentos sobre a condição da mulher na sociedade. Desse modo, a imprensa feminina veiculou, até o Século XX, temas referentes à emancipação feminina, a sufrágio e ao divórcio, como também moda, literatura, questões domésticas, culinária e comportamento.

Com esse breve histórico, em que se contextualiza o âmbito da imprensa feminina brasileira, várias experiências marcaram a história das mulheres na imprensa como leitoras ou produtoras. Assim, objetiva-se analisar as capas da revista feminina *Carinho* dos anos 1970, partindo das seguintes questões: Quais os rumos e as veredas da revista *Carinho* na década de 70? Qual o modelo de mulher que se representava nas capas da revista? Quais os temas pertinentes apresentados pelas capas da revista? Para quais leitoras se direcionavam? Os assuntos direcionavam as mulheres aos contextos de sujeição ou emancipação? Quem eram as personagens que protagonizaram as revistas femininas desse período?

Para elucidar as indagações acima, foram analisadas as capas da revista *Carinho*, dos anos 70, especificamente dos anos de 1977 e 1978, da *Bloch Editores*, considerando que o recorte histórico escolhido situa a insurgência dos movimentos sociais que lutaram por novas reivindicações com temas direcionados a questões culturais, étnicas, ecológicas e de consumo, e fortaleceram o movimento feminista marcado pela liberação sexual, com a conquista do uso da pílula anticoncepcional e o direito ao divórcio difundido pela Lei 6.515 de 1977. Segundo Machado (2012),

[...] na década de 1970, a concepção de que os tabus chegavam ao fim tomava conta de grande parte dos estudantes, intelectuais, artistas etc. A ideia do enfrentamento de novos e velhos valores passava a ser uma questão de princípio, em especial para as mulheres, que buscavam a todo custo a sua 'liberdade'. (MACHADO, 2012, p. 36)

Nesse mesmo momento, o país também vivenciava o contexto da ditadura militar com censuras e repressões. Conseqüentemente, a escolha da revista *Carinho*, como *corpus* deste estudo, justifica-se por estabelecer o tema sexo como matéria principal em

Dossiê: imprensa, história e educação

suas capas e por causa da escassez de estudos a seu respeito, apesar de ser uma das revistas que tratava abertamente com as mulheres sobre assuntos concernentes a sexo.

3 SOBRE A(S) REVISTA(S) *CARINHO*...

Na elaboração deste trabalho, houve dificuldades no que se refere à fonte de pesquisa. O acesso às revistas *Carinho* foi restrito. A única forma de obtê-las foi através de sites de venda da internet, onde os proprietários da revista as expõem à venda, o que possibilita a visualização de fotos das capas e, em apenas dois casos, das contracapas. Tentei adquiri-las, mas as ofertas eram antigas e não obtive êxito. A única solução seria salvar as fotos das capas disponíveis online. Como não era fácil ter acesso a essas revistas, os estudos e as pesquisas eram escassos. Entretanto, a análise das capas da revista *Carinho* prosseguiu dentro dos limites encontrados, e isso não comprometeu o resultado da pesquisa.

Inicialmente, foram encontrados dois tipos de revista com o título *Carinho* e direcionadas ao público feminino. A primeira se concentrou nos anos de 1960 e só empregava o gênero fotonovelas. Era produzida pela Editora Edibrás, e o elenco da fotonovela era composto de estrangeiros, o que permite afirmar que as narrativas e as imagens que circulavam eram produções italianas, francesas, entre outras. A revista tinha, aproximadamente, 50 páginas, com dimensões de 21,3 cm x 29,2 cm. Nos anos de 1950-1960, experimentou-se a elaboração desses estilos de revistas femininas que difundiam as fotonovelas internacionais e nacionais, dando uma aura de romances para serem lidos por mulheres. As capas das revistas mencionadas abaixo apresentam como manchetes as fotonovelas ‘Destinos Cruzados’, ‘Alma em Revolta’, ‘Filha de Ninguém’, ‘Triunfo de uma Alma’ e ‘Porto das Ilusões’.



Carinho, nº18, fev. de 1962 (s/p)
Fonte: www.produtomercadolivre.com.br



Carinho, nº22, jun. de 1962 (s/p)
Fonte: www.rsraridades.com.br



Carinho, nº58, jul. de 1965 (s/p)
Fonte: www.livronauta.com.br

A segunda revista encontrada é datada dos anos de 1970 e pertence à *Bloch Editores*. Especificamente em 1976, surgiu a revista *Carinho*, edição nº 01/ano 01, que, inicialmente, era direcionada às mulheres com mais de 16 anos de idade. Essa especificidade era registrada na capa, acima do título da revista, com a frase ‘Desaconselhável para menores de 16 anos’. Custava Cz\$ 5,00 (cinco cruzados) e tratava de assuntos como moda, corpo, beleza, horóscopo, celebridades, família, amor, sexo e fotonovela. Continha, aproximadamente, 130 páginas, com formato 13,5 cm x 21 cm de dimensão. As matérias em destaque na capa são: Ginástica e elegância; Sexo: o prazer sem segredo; Moda: não jogue fora a roupa usada; Vanusa: como vive uma desquitada; Beleza: novos cuidados para sua pele; Horóscopo: ele diz seu dia sexy; As mulheres de Sílvio Santos; Anorexia: um regime que mata; Fotonovela: procura-se um marido.



Carinho, nº 01 (sem mês de edição) de 1976 (s/p)
Fonte: www.paraissodasrevistas.loja2.com.br

É notório que as discussões e o uso explícito da palavra ‘sexo’ se fazem presentes como um novo produto a ser veiculado na revista feminina. Buitoni (2009) assevera que os anos de 1970 viram a inserção do tema ‘sexo’ nas publicações femininas brasileiras. Nessa capa da revista *Carinho*, há também uma discussão moderna sobre mulher desquitada e moda a partir da reutilização e da customização de roupas velhas.

No que diz respeito à aproximação dos dois tipos de revista *Carinho* supracitadas, apesar de algumas semelhanças (título, continuação de matérias sobre fotonovelas e a periodicidade se justapor uma à outra), não foi possível confirmar a veracidade das informações que pudessem afirmar se o título da Editora *Edibrás* foi vendido para a *Bloch Editores*.

Nessa perspectiva, esta pesquisa traz a análise das capas da revista *Carinho* da *Bloch Editores*. Optou-se por analisar as capas editadas no Ano 02 e no Ano 03, respectivamente, de 1977 e 1978. A escolha justifica-se pelo contexto em que a revista estava situada, considerando-se, especificamente, o fortalecimento do movimento feminista nos anos 70, que lutava a favor da liberação sexual, e por convergir com assuntos sobre sexo, controle de natalidade, com o uso da pílula anticoncepcional, aborto e divórcio. Em 1977, foi aprovada a Lei 6.515, de Nelson Carneiro, a favor da causa do divórcio.

4 BLOCH EDITORES: BREVE HISTÓRICO

A produção da revista *Carinho* funcionava no famoso Prédio da *Bloch Editores*, localizado na Rua Russel, na cidade do Rio de Janeiro, como podemos observar na foto da contracapa da *Carinho* nº16, de fevereiro do ano de 1978, que indica o endereço para as leitoras enviarem cartas.



Carinho, nº16, fev. de 1978, p. 9
Fonte: www.produto.mercadolivre.com.br



Carinho, nº16, fev. de 1978, p. 9
Fonte: www.produto.mercadolivre.com.br

A *Bloch Editores* surgiu em 1952, a partir da iniciativa de Adolf Bloch, imigrante de nacionalidade ucraniana, que foi seu diretor até 1995, ano em que faleceu. Durante a Revolução Russa, na década de 20, a família Bloch, que era de origem judaica, decidiu se refugiar no Brasil. Posteriormente, criam, no Rio de Janeiro, a gráfica *Joseph Bloch & Filhos*, incentivados pela experiência do patriarca da família, que ainda na Ucrânia era tipógrafo, dono de uma próspera gráfica. Inicialmente, os serviços “[...] se restringiam à impressão de folhetos, convites e mapas. Com o tempo, a gráfica cresceu e passou a imprimir publicações editoriais de outros grupos de mídia, como revistas e suplementos” (VIEIRA, 2012, p.02).

Durante seu apogeu, na década de 50, Adolf Bloch difundiu a *Bloch Editores*, composta de várias gráficas, fábricas e editoras. Assim, seria preciso elaborar um periódico importante para ser o principal concorrente de outros periódicos renomados, como a revista *O Cruzeiro* (1928), por exemplo. Portanto, em 1952, foi criada a revista *Manchete*, que,

[...] logo na primeira edição, já mostrou bons resultados em vendas, e a publicação esgotou nas bancas em três dias. O sucesso alcançado com a revista *Manchete* fez com que os negócios de Adolpho Bloch crescessem [...] lançou outras revistas, como *Pais e Filhos*, *Ele e Ela* e *Mulher de Hoje*. (VIEIRA apud OLIVEIRA, 2012, p. 2)

Nas demais décadas seguintes, a *Bloch Editores* tinha a titularidade de várias revistas, como *Sétimo Céu*, *Fatos & Fotos*, *Desfile*, *Mulher de Hoje*, *Pais & Filhos*, *Super Moldes*, *Ele & Ela*, *Amiga*, *Carinho*, entre outras. Além disso, havia um teatro, que possibilitou dar vida, nos anos 80, à Rede *Manchete*. Depois que a Rede Tupi fechou, o governo federal, através do Ministério das Comunicações, ofertou os antigos canais comandados pela TV Tupi para as empresas concorrerem. Assim, “[...] concorreram diversos grupos: *Jornal do Brasil*, *Abril*, *Bloch Editores*, *Visão* (Grupo Maksoud), *Capital* (da Rádio Capital de São Paulo), *Silvio Santos* e *Bandeirantes* (interessado apenas na mudança de canal)” (FRANCFORT, 2008, p. 15).

Em 1981, Adolpho Bloch e Sílvio Santos “[...] assinaram as concessões em momento mostrado ao vivo pela televisão” (FRANCFORT, 2008, p. 15). Inicialmente, o grupo *Bloch Editores* funcionava no centro do Rio de Janeiro. Depois de aderir ao canal televisivo, passou a funcionar na Rua do Russel – zona sul, onde o novo prédio foi projetado pelo arquiteto modernista, Oscar Niemeyer. Em agosto de 2000, a empresa

Dossiê: imprensa, história e educação

encerrou suas atividades devido à falência e, doze anos depois, a edificação foi extinta e implodida para construir imóveis para famílias de baixa renda.

5 AS CAPAS DA REVISTA *CARINHO* (1977-1978)

Conforme o acesso às capas disponíveis, foram analisadas duas capas da revista *Carinho* do ano de 1977, referentes às edições dos meses de setembro e outubro, respectivamente de nº 11 e nº 12 / Ano 02, e duas do ano de 1978, referentes às edições dos meses de fevereiro e junho, respectivamente, de nº 16 e nº 20 / Ano 03. Assim, conclui-se que as revistas *Carinho* eram publicadas mensalmente.



Carinho, nº 11, set. de 1977 (s/p)
Fonte: www.produto.mercadolivre.com.br



Carinho, nº 12, out. de 1977 (s/p)
Fonte: www.produto.mercadolivre.com.br



Carinho, nº 16, fev. de 1978 (s/p)
Fonte: www.produto.mercadolivre.com.br



Carinho, nº 20, jun. de 1978 (s/p)
Fonte: www.produto.mercadolivre.com.br

Os elementos recorrentes nas capas das revistas *Carinho* dos anos de 1977 e 1978 eram:

- O nome da revista no lado superior, com letras minúsculas, arredondadas, coloridas e contornadas com cor diferente do preenchimento;

Dossiê: imprensa, história e educação

- A logomarca da editora *Bloch Editores*, que aparece em posições variadas na posição inferior;
- O número da edição localizado abaixo ou acima do título da revista;
- O valor de Cz\$ 7,00 (sete cruzados), situado no lado superior acima ou abaixo do título, além da indicação do valor diferenciado em outros estados da região norte, como Amazonas, Amapá, Acre, Rondônia e Roraima, localizado em uma frase com posição horizontal no lado esquerdo;
- A imagem das capas é representada por uma fotografia do rosto até a altura do busto de mulheres, celebridades nacionais, sorridentes;
- A classificação etária para as leitoras localizada no lado superior esquerdo acima do título;
- As manchetes eram direcionadas nos lados extremos da revista, ao redor da fotografia da celebridade;
- A dimensão da página era de 13,5 cm x 21 cm.

Um ano depois de publicada a primeira revista, o valor inicial de Cz\$ 5,00 (cinco cruzados) foi substituído por Cz\$ 7,00 (sete cruzados), e a revista passou a se direcionar às mulheres com mais de 18 anos de idade. A frase “desaconselhável para menores de 18 anos” passou a ser localizada na parte superior, em cima do título da revista.



Carinho, nº12, out. de 1977 (s/p)

Fonte: www.produto.mercadolivre.com.br



Carinho, nº20, jun. de 1978 (s/p)

Fonte: www.produto.mercadolivre.com.br

A modificação na classificação da faixa etária aconselhada para as leitoras que, inicialmente, sugeria maiores de 16 anos de idade e, posteriormente, indicava maiores de 18 anos de idade, permite refletir sobre a possibilidade de ter existido um controle a partir da censura, uma vez que o país vivenciava o regime militar. Além disso, os temas, especificamente sobre sexo, postos em pauta pela revista *Carinho*, ainda eram marcados pelos tabus presentes na sociedade, considerando que eram revistas direcionadas a jovens mulheres.

Os temas em manchetes continuavam a ser moda, corpo, beleza, horóscopo, celebridades, família, profissão, amor, saúde, fotonovela e sexo. Entretanto, alguns conteúdos assumiram uma indeterminação temporal, pois apareciam publicados em

umas capas, e em outras, não. No entanto, assuntos sobre sexo estiveram presentes em todas as revistas. Segundo Buitoni (2009), o sexo foi o principal produto editorial vendido nessa década.

Nas edições do ano de 1977, as manchetes estão localizadas no lado superior da revista, em que cada uma se destaca com cores diferentes, e em 1978, estão situadas nas extremidades da capa com cor uniforme. Nos dois anos, observa-se a utilização de formas e símbolos, como círculos, quadrados e estrelas, com preenchimento colorido, para dar mais destaque a determinadas matérias.

As Manchetes da revista *Carinho* eram:

- Nº 11, setembro de 1977 / Ano 02 – *Você sonha com sexo? Veja o que isso significa; O último amor de Sandra Breá; Profissão: como vive uma bailarina; Conto erótico de Carlos Heitor Cony; Diário íntimo: Fui frígida até aparecer aquele homem; Dez maneiras de apaixonar seu namorado; Matéria em maior destaque: Fotonovela: apenas amigos.*
- Nº 12, outubro de 1977 / Ano 02, Edição Especial de Aniversário – *Liberdade sexual: os prós e os contras; Confissões de uma jovem apaixonada por um homem casado; Elke é mesmo uma Maravilha; Como fisgar um rapaz solteiro; Fotonovela a cores: Essa bela é uma fera; Matéria em maior destaque: A festa das garotas de CARINHO.*
- Nº 16, fevereiro de 1978 / Ano 03 – *Quando o sexo se torna uma obsessão; Você perdoaria uma traição? Homens: a insegurança da primeira experiência; O que faria você se fosse pegada em flagrante?; Deixe a inibição de lado, ela vai atrapalhar o seu namoro; Luana: a manequim negra que se tornou condessa; Fotonovela a cores: Amor que fica; Flávia, nossa capa; Matéria em maior destaque: Nesse número: A primeira edição do concurso seja ARTISTA de fotonovela.*
- Nº 20, junho de 1978 / Ano 03 – *Sexo: as várias maneiras de conseguir prazer; O que fazer quando ele não fala em casamento; Como conviver com um namorado distraído?; Quando a mãe “dele” resolve implicar com você; Nossa capa: Simone já é uma atriz de talento; Fotonovela a cores: A culpa; Matéria em maior destaque: Moda: 12 páginas coloridas com dicas sensacionais para o inverno - Primeira parte.*

Há uma preocupação em tratar assuntos sobre relacionamento e sexo (o que pode justificar também o fato de a revista ser intitulada “Carinho”). Porém, na maioria das vezes, esses temas são evidenciados como garantia para conquistar ou manter um relacionamento estável com o sexo oposto, situado nas matérias *Dez maneiras de apaixonar seu namorado* (nº11, setembro de 1977), *Como físgar um rapaz solteiro* (nº12, outubro de 1977), *Deixe a inibição de lado, ela vai atrapalhar o seu namoro* (nº16, fevereiro de 1978), *O que fazer quando ele não fala em casamento* (nº20, junho de 1978), *Como conviver com um namorado distraído?* (nº 20, junho de 1978). Além disso, a conquista também deve garantir o bom relacionamento com a família do companheiro, pontuado na matéria *Quando a mãe “dele” resolve implicar com você* (nº20, junho de 1978).

A revista aborda o prazer feminino a partir da ideia de que o homem deve ser responsável por proporcioná-lo à mulher, exemplo pontuado no *Diário íntimo: Fui frígida até aparecer aquele homem* (nº 11, setembro de 1977). Numa conversa íntima, em forma de confidências reveladas, a revista *Carinho* discorre com as leitoras sobre *Confissões de uma jovem apaixonada por um homem casado* (nº 12, outubro de 1977).

Assim, o diálogo com a mulher tem em vista a figura masculina e, nessas publicações, o personagem homem está presente na maioria das matérias, como diretamente visualizamos na chamada *Homens: a insegurança da primeira experiência* (nº16, fevereiro de 1978). Conforme Buitoni (2009, p.122), “[...] há uma centralidade em torno da mulher; o texto é dirigido a ela [...]. No entanto, as ações sugeridas são sempre em função *dele*. Ela vai fazer as coisas para ele, para agradá-lo”.

As manchetes que, aparentemente, direcionam-se à mulher, de maneira individual, são poucas e refletem os assuntos: *Você sonha com sexo? Veja o que isso significa* (nº11, setembro de 1977); *Liberdade sexual: os prós e os contras* (nº 12, outubro de 1977); *Quando o sexo se torna uma obsessão* (nº 16, fevereiro de 1978); *Sexo: as várias maneiras de conseguir prazer* (nº 20, junho de 1978). A utilização da literatura, como o *Conto erótico de Carlos Heitor Cony* (nº11, setembro de 1977), jornalista e escritor brasileiro, que iniciou sua carreira em 1952, foi editorialista do *Correio da Manhã* e ficou preso por seis vezes ao longo do período da ditadura militar.

Além das fotonovelas (indicando, inclusive, o novo formato com imagens coloridas), a revista consolida um momento pessoal da mulher com a leitura deleite, dando-lhe tranquilidade para consumir a literatura erótica e permitindo que lesse quantas vezes quisesse. Esses gêneros seguem como entretenimentos que passam

Dossiê: imprensa, história e educação

valores morais, éticos e sociais com princípios conservadores. Em geral, as fotonovelas abordavam temas variados, mas frisavam os problemas amorosos e sociais, o sucesso profissional e o imaginário do sexo. Nas capas das revistas *Carinho* analisadas, pontuam-se: *Fotonovela: apenas amigos* (nº 11, setembro de 1977); *Fotonovela a cores: Essa bela é uma fera* (nº 12, outubro de 1977); *Fotonovela a cores: Amor que fica* (nº 16, fevereiro de 1978) e *Fotonovela a cores: A culpa* (nº 20, junho de 1978). A revista também organizava concursos, contemplando o desejo das jovens de se tornarem artistas, como se observa na chamada *Nesse número: A primeira edição do concurso seja ARTISTA de fotonovela* (nº 20, junho de 1978).

A mulher da revista *Carinho* é representada pelas fotografias das famosas nas capas. Uma revista dedicada às mulheres jovens incorpora como representantes jovens artistas bem sucedidas, como se pode verificar nas manchetes *Luana: a manequim negra que se tornou condessa* (nº 16, fevereiro de 1978) e *Nossa capa: Simone já é uma atriz de talento* (nº 20, junho de 1978). Distantes das mulheres do cotidiano, das ruas, “[...] apontam-se celebridades como imagem ideal e modelo de comportamento” (BUITONI, 2009, p 14). As chamadas, *O último amor de Sandra Breá* (nº 11, setembro de 1977); *Elke é mesmo uma Maravilha* (nº 12, outubro de 1977) e *A festa das garotas de CARINHO* (nº 12, outubro de 1977) trazem matérias do universo pessoal das mulheres famosas, mostrando que se deve consumir cada vez mais o mundo das celebridades.

O tratamento dado à leitora com o termo ‘você’ e ao companheiro, por ‘ele’, ‘dele’ e a utilização das palavras como ‘confissões’ e ‘diário’ justificam a preocupação de criar um vínculo íntimo com a leitora, com a qual se relaciona como uma amiga que sabe das suas indagações, entende seus problemas e responde-os. O diálogo aberto sobre sexo potencializa ainda mais a conversa próxima e pessoal, que passa uma sensação de melhores amigas. Buitoni (2009) afirma que a linguagem coloquial e dirigida diretamente à leitora, em um tom de ‘intimidade de amiga’, facilita a aceitação dos valores propostos pela revista e mantém a posição de subordinação aos padrões. Percebe-se, também, que, para garantir a imagem de uma revista moderna destinada às mulheres jovens mais ‘livres’, o termo marido é excluído, designando fortemente a palavra namorado em seus conteúdos.

Apesar de discutir abertamente sobre temas que tiveram vigor com o movimento feminista dos anos de 1970, especificamente sobre sexo e liberdade sexual, a revista *Carinho* reproduzia matérias que expunham dicas para reforçar a mulher submissa que

satisfazia o parceiro, para impressioná-lo ou revitalizar o relacionamento. Permanece a ideia de que, para se sentir realizada, a mulher necessitaria de um parceiro e poderia ter liberação sexual em função do homem, para servi-lo e agradá-lo. A revista também indicava os prós e os contras da liberdade sexual, o que revela um conflito entre ser uma mulher moderna, mas criticada, ou continuar com valores tradicionais e parecer antiquada. Entretanto, outros temas, tratados como ‘segredos’, são destacados, como os assuntos sobre relacionamentos extraconjugais, dicas sobre como conseguir prazer e sonhos eróticos. Desse modo, segundo Buitoni (2009, p.24), “[...] tenta-se criar um mundo da mulher para que ela fique só dentro dele e não saia”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos anos de 1970, o Brasil vivenciava o regime militar, e apesar da repressão e da censura, a revista feminina *Carinho*, especificamente a de 1977 e a 1978, conseguiu que outras matérias fossem colocadas em pauta em suas capas, como temas relacionados a sexo, o que caracterizava novos costumes e desconstruía tabus presentes na sociedade. Embora se inserissem novas matérias, a revista não abandonou os assuntos sobre moda, beleza, saúde, entre outros, e expunha jovens famosas como representantes, por entender que o público-alvo da revista era composto de jovens mulheres com mais de 18 anos. Além do mais, a maioria das matérias sobre sexo e prazer feminino ponderava a ideia de satisfazer ao sexo oposto, para manter um bom relacionamento amoroso.

Portanto, mesmo vivenciando o período de fortalecimento dos movimentos feministas que lutavam pela liberdade sexual da mulher e, conseqüentemente, as conquistas referentes ao uso da pílula e o direito ao divórcio, a revista não dialogou com valores feministas. Fixou o pressuposto de que, para se sentir realizada, a mulher necessitaria de um parceiro e poderia ter a sua liberação sexual em função do homem, para servi-lo e agradá-lo. Ao mesmo tempo em que incentivava a mulher a ser moderna, dialogando sobre sexo com ela, a revista reforçava antigos valores de sujeição e submissão na relação entre homem e mulher.

Assim, as representações se constituem por meio de várias determinações sociais e formam categorias e classificações da própria organização social que conduzem ações e definem identidades, como podemos constatar nas capas da revista *Carinho*.

ABSTRACT

This paper aims to analyse the covers of the *Carinho* magazine during the years 1977 and 1978, taking Dulcília Buitoni as the theoretical reference. In Brazil, the 70's was the decade of insurgency of the social movements as part of the struggle of minorities, in addition to strengthening feminism which highlighted the sexual liberation of women winning the right to use contraceptive pills and to divorce. Based on a brief history of the Brazilian women's press, our study reveals that there are clearly two types of press: periodicals, which fight for women's emancipation and others, which strengthen old traditional and patriarchal values of the woman as wife, mother and housewife. The magazine *Carinho* published by Bloch was launched in 1976 and in addition to discussing diverse matters such as fashion, horoscope, beauty, celebrities and soap operas, also dealt openly with sex, stamping the explicit use of the term on its covers. Of course, in this period, Brazil was also living under a military government, and so the magazine, which dealt with sex, would be directed at the public of young women over 18 years of age. Despite the modern appearance, the way in which the magazine dealt with issues related to sexuality, tended to strength old values of subjection and submission in the relationship between man and woman.

Keywords: Women's press. *Carinho* Magazine. Woman.

REFERÊNCIAS

- BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Mulher de papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Summus, 2009.
- CARVALHO, Marcus F. M. A imprensa na formação do mercado de trabalho feminino no Século XIX. In: NEVES, Lúcia M. B.; MOREL, Marco; FERREIRA, Tânia M. B. C (Orgs.). **História e imprensa**: representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A e FAPERJ, 2006. p. 176-199.
- CASADEI, Eliza Bachega. A inserção das mulheres no jornalismo e a imprensa Alternativa: primeiras experiências do final do Século XIX. **Revistas Alterjor**, Rio de Janeiro. Ano 2. v. 1, p. 1-10, jan/jun. 2011.
- CHARTIER, Roger. Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: _____. **A História Cultural entre práticas e representações**. Col. Memória e sociedade. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 13-28.
- FRANCFORT, Elmo. **Rede Manchete**: aconteceu, virou história. São Paulo: Imprensa oficial do estado de São Paulo, 2008. (Coleção Aplauso Série Especial).
- LIMA, Sandra Lúcia Lopes. Imprensa feminina, revista feminina: a imprensa feminina no Brasil. **Projeto História**, São Paulo, n.35, p.221-240, dez. 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/download/2219/1320>>._Acesso em: 16 dez. 2014.
- LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 111-153.

MACHADO, Aline Maria Batista; MACHADO, Charliton José dos Santos. **Gênero e movimentos sociais e ONGs: reflexões de pesquisa**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.

ROCHA NETO, Manoel Pereira da. JORNAL DAS MOÇAS (1926-1932): imprensa feminina no sertão norte-rio-grandense. **Rev. Estud. Comum**, Curitiba, v. 9, n. 19, p. 141-146, maio/ago. 2008.

VIEIRA, Renan Milanez. **Rede Manchete: um estudo de caso**. Bauru, SP: UNESP, 2012. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/vieira-renan-rede-manchete-um-estudo-de-caso.pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2014.

FONTES

Capa da fotonovela *Carinho* - Editora Edibrás nº18 de fevereiro de 1962 – Disponível em: <http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-627650884-fotonovela-carinho-n-18-edibras-1962-_JM#redirectedFromParent>. Acesso em: 14 dez. 2014.

Capa da fotonovela *Carinho* - Editora Edibrás nº22 de junho de 1962 – Disponível em: <<http://www.rsraridades.com.br/produtos/revista-carinho-22-fotonovelas>>. Acesso em: 14 dez. 2014

Capa da fotonovela *Carinho* - Editora Edibrás nº58 de julho de 1965 – Disponível em: <http://www.livronauta.com.br/livro-Editora_Edibras-Revista_Carinho_No._58_C_Fotonovela-Edibras-Arcos_da_Lapa_Livros-Cachoeiras_de_Macacu-23190070>. Acesso em: 14 de dez. 2014.

Capa da Revista *Carinho* - Bloch Editores nº 01 (sem mês) de 1976 – Disponível em: <<http://paraisodasrevistas.loja2.com.br/3913353-Carinho-n-1-fotonovela-Moda-Anorexia-Vanusa-Silvio-Santos>>. Acesso em: 14 dez. 2014.

Capa da Revista *Carinho* - Bloch Editores nº 11 de setembro de 1977 – Disponível em: <http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-619750982-carinho-n-11-fotonovela-sandra-brea-suzi-quatro-1977-_JM>. Acesso em: 14 de dez. 2014..

Capa da Revista *Carinho* - Bloch Editores nº 12 de outubro de 1977 – Disponível em: <http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-614438791-carinho-n-12-elke-maravilha-fotonovela-frampton-1977-_JM>. Acesso em: 14 dez. 2014.

Capa da Revista *Carinho* - Bloch Editores nº 16 de fevereiro de 1978 – Disponível em: <http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-623284383-revista-carinho-n-16-fev-1978-festa-artistas-fotonovelas-_JM>. Acesso em: 14 dez. 2014.

Capa da Revista *Carinho* - Bloch Editores nº 20 de junho de 1978 – Disponível em: <http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-615809686-carinho-n-20-simone-de-carvalho-reginaldo-farias-1978-_JM>. Acesso em: 14 dez. 2014.